

A espiritualidade que necessitamos é uma espiritualidade eucarística, ou seja, uma espiritualidade da unidade eclesial no amor. A Encarnação e a Páscoa revelam Deus que entra na nossa condição humana e a transfigura no dom de si mesmo. Este dom continua presente e operante na Eucaristia, na qual o Senhor se comunica e reúne a Igreja, para que a sua oferta se torne princípio de unidade e fonte de vida nova.

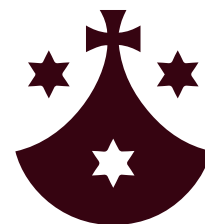
Papa Leão XIV, *Magnífica humanitas*, 234, 15 de maio de 2026



Boletim de Espiritualidade

1 JUNHO 2026
Ano XIII Nº 144

144



Agenda junho 2026

- 1 a 5 **Ávila** (CITeS) – Cristologia sanjoanina
- 2 **Porto** (CCC) – Conferência: *A “Gaudium et spes” hoje: sinais dos tempos e discernimento cristão* – Alexandre Freire Duarte
- 2 **Lisboa** (Cap. Rato) – Conferência: *O Espiritual no Desenho*
- 3 **Viana do Castelo** (Carmo) – *Poesias e Outros Escritos* – P. Nuno Pereira
- 3 a 7 **Braga** (Casa da Torre) – Exercícios espirituais
- 3 a 10 **Braga** (Casa da Torre) – Exercícios espirituais
- 5 **Fátima** (Santuário) – Lectio Divina
- 5 e 6 **Bragança** (Alcínio Miguel – ESTG) – I Congresso Internacional de Espiritualidade em Cuidados Paliativos
- 5 a 7 **Fátima** (Domus Carmeli) – V Jornadas do Desenvolvimento Humano Integral – Dr.ª Alexandra Araújo e Carmelitas Descalços
- 5 a 7 **Ávila** (CITeS) – Edith Stein: *A mística da cruz*
- 7 **Avessadas** – Peregrinação ao Santuário do Menino Jesus de Praga
- 8 **Viana do Castelo** (Carmo) – *A Boa-Nova da Ressurreição* – Fr. Carlos Eduardo
- 9 **Angra** (Escola bíblica) – Formação: *Leitura do Livro Atos dos Apóstolos*
- 10 **Avessadas** – Dia da Família Carmelita
- 10 **Bragança** (Escola Emídio Garcia) – V Jornada de Espiritualidade Eucarística
- 12 a 14 **Braga** (Casa da Torre) – Retiro
- 12 a 14 **Ávila** (CITeS) – A conversão do coração do místico
- 12 a 14 **Ávila** (CITeS) – Cura interior. Acompanhados por São João da Cruz
- 13 **Faro** (Carmelitas) – Encontros no Silêncio
- 15 **Fátima** (Domus Carmeli e Carmelo de S. José) – XIX Encontro de Sacerdotes

- 16 a 21 **Braga** (Casa da Torre) – Exercícios espirituais
- 18 a 21 **Braga** (Casa da Torre) – Exercícios espirituais
- 19 **Fátima** (Santuário) – Lectio Divina
- 19 **Vila Real** (Pal. Condes de Amarante) – Centenário do I Congresso Litúrgico Português
- 19 a 21 **Fátima** (Domus Carmeli) – Congresso sobre S. João da Cruz: *Um caminho de experiência*
- 19 a 21 **Braga** (Casa da Torre) – Onde está o teu coração?
- 20 **Braga** (Carmo) – Encontro Junto à Fonte
- 20 **Braga** (Congregados) – Catequeses sobre São Francisco de Assis: *Clara: uma pobreza pensada*
- 22 a 26 **Ávila** (CITeS) – Congresso: *A mística: Paraíso perdido ou terra prometida*
- 26 **Coimbra** (SDPC) – Passaporte Cultural e Espiritual: *Verdade Partilhada*
- 26 **Fátima** (Santuário) – Lectio Divina
- 28 **Avessadas** – Domingo das bênçãos
- 30 **Online** – Formação sobre o Escapulário (21h30)

Agenda julho 2026

- 1 a 3 **Fátima** (Santuário) – Curso de verão: Fátima depois de outubro de 1917: o ciclo cordimariano
- 2 a 5 **Braga** (Casa da Torre) – Exercícios espirituais
- 3 a 5 **Avessadas** – Encontro dos Grupos de Oração Teresiana (GOT). Ibérico
- 4 **Funchal** (Cabo Girão) – Dia da Família Carmelita
- 7 a 15 **Funchal** (Carmo) – Novena de Nossa Senhora do Carmo
- 9 a 13 **Braga** (Casa da Torre) – Exercícios espirituais
- 12 **Online** – De véspera com S. Teresa dos Andes – Isabela Neves (21h30)
- 15 **Online** – De véspera com Nossa Senhora do Carmo – Fr. João Costa e Verónica Parente (21h30)
- 20 a 25 **Braga** (Casa da Torre) – Exercícios espirituais
- 23 a 26 **Braga** (Casa da Torre) – Exercícios espirituais
- 24 a 26 **Lamego** – Encontro Nacional de Jovens
- 24 a 29 **Braga** (Casa da Torre) – Exercícios espirituais
- 26 **Avessadas** – Domingo das bênçãos
- 27 a 30 **Fátima** (Santuário) – 50.º Encontro Nacional de Pastoral Litúrgica



**Mensagem por ocasião dos 45 anos da fundação
da Província Portuguesa de Nossa Senhora do Carmo
dos Carmelitas Descalços (1981 – 21 de maio – 2026)**



P. Vasco Nuno Tavares da Costa,
Provincial dos Carmelitas Descalços de Portugal

Querida Família dos Carmelitas Descalços:

Frades, Irmãs, Leigos-Seculares, estudantes das várias etapas formativas, jovens, membros dos Grupos de Oração Teresiana e Irmandades de Nossa Senhora do Carmo:

Convoco-vos a todos a celebrar, com profunda gratidão ao Senhor da criação e da história, os 45 anos da fundação da nossa Província Portuguesa de Nossa Senhora do Carmo, ereta a 21 de Maio de 1981. Esta efeméride é, sobretudo, um convite a contemplarmos com olhar confiado e crente o caminho percorrido em família, reconhecendo a fidelidade de Deus que conduz, sustenta e faz frutificar a vida daqueles que n'Ele confiam.

Foi, na verdade, no dia 21 de maio de 1981 que o Definitório Geral da nossa Ordem emanou, desde Roma, o decreto da ereção da Província Portuguesa de Nossa Senhora do Carmo. Oportunamente, este texto faz memória do percurso histórico da organização geográfica em solo luso do Carmelo Descalço, recordando que, já desde o século XVI, nós, Carmelitas Descalços, nos organizámos autonomamente, sob o nome de Província de São Filipe, constituída em 1588, tão-só seis anos após a morte de Santa Teresa de Jesus. Nas centúrias seguintes, o Carmo Descalço implementou-se notavelmente nos territórios do Reino e do Império português, vindo a constituir-se como Congregação Geral sob o nome da Bem-Aventurada Virgem Maria do Monte Carmelo do Reino de Portugal, logo confirmada pelo Breve apostólico de 1772 e pela Constituição Apostólica *Paterna Sedes* do Papa Clemente XIV de 28 de abril de 1773.

A 30 de Maio de 1834, porém, as vicissitudes da história e a justiça dos homens, extinguiram «em Portugal, Algarve, Ilhas Adjacentes e Domínios Portugueses todos os Conventos, Mosteiros, Colégios, Hospícios e quaisquer Casas de Religiosos de todas as Ordens Regulares seja qual for a sua denominação» – obviamente também a nossa Congregação Geral, pelo que só no ano de 1928 foi restaurada a presença do Carmelo Descalço em solo português, cujo feliz centenário celebraremos em 2028.

E assim, após décadas de serena reimplementação da lusa Descalcez, foi constituído o Vicariato Regional afiliado à Província de São Joaquim de Navarra, vindo depois a reconstituir-se em província autónoma, de acordo com a vontade unânime dos Padres Capitulares da Província de São Joaquim de Navarra, desejo depois confirmado pelo Definitório Geral da nossa Ordem (*Acta Ordinis Carmelitarum Discalceatorum*, vol. 2, n.º 26, 1981).

.....

Ao longo destas décadas, enquanto Província, o Carmelo Descalço em Portugal foi tecendo a sua peregrinação na fidelidade criativa ao carisma recebido das mãos de Santa Teresa de Jesus e de São João da Cruz, pelo que em contextos diversos, muitas vezes exigentes, frades, irmãs e leigos/seculares soubemos manter viva a chama da oração, cultivar a vida fraterna e oferecer à Igreja e ao mundo um testemunho humilde, mas fecundo, de interioridade e de comunhão com Deus. Celebrar, pois, quarenta e cinco anos de andadura, uma pequena etapa apenas, faz-nos assumir a memória agradecida por tantos irmãos e irmãs que nos precederam – conhecidos ou ocultos – cujo Sim generoso continua a sustentar o presente de cada um e o Sim de toda a nossa Província.

Esta memória histórica comum, porém, não se fecha sobre si mesma: abre-nos a todos para uma leitura espiritual do caminho feito, e do quanto, por

misericórdia de Deus, juntos, ainda haveremos de percorrer. Reconhecemos, humildemente, nesta hora, que no decurso dos dias e erguer dos levantes da aurora, o Senhor nos foi educando, purificando e conduzindo, chamando-nos sempre a regressar ao essencial: a centralidade de Deus, a amizade com Cristo, a escuta da sua Palavra e a docilidade ao Espírito. A nossa tradição carmelita é sempre pronta a recordar-nos que a verdadeira fecundidade apostólica nasce duma vida profundamente enraizada em Deus – é nessa e só nessa cristalina fonte que encontramos a nossa identidade e a razão do nosso serviço à Igreja e ao mundo.

Celebrar, então, este jubileu implica, também, renovar a consciência da nossa missão pastoral. Hoje, mais do que nunca, a Igreja e a sociedade portuguesas têm necessidade de homens e mulheres que testemunhem a primazia de Deus, que abram oásis de interioridade no meio da velocidade e da dispersão e que ofereçam espaços de silêncio, de oração e de escuta. Sim, como Família Carmelita, somos chamados a ser presença orante e profética, e sinais de esperança para o nosso tempo, ajudando tantos irmãos a descobrir que Deus habita no mais íntimo do coração humano.

Neste horizonte, todos somos interpelados – na diversidade de vocações e estados de vida que enriquecem o Carmelo – a assumir um compromisso renovado. Sim, todos os frades, irmãs e leigos/seculares, unidos no mesmo espírito, somos enviados a servir a Igreja e o mundo com disponibilidade, criatividade e sentido de comunhão fraterna. A nossa missão, porém, não se esgota no interior das nossas comunidades: abre-se e abre-nos para o encontro com as realidades humanas concretas, especialmente onde haja busca de sentido, onde campeie o sofrimento e a solidão e reverbere a sede de Deus.

Este aniversário é, assim, um tempo de graça que a todos nos desafia a reavivar o dom recebido: a aprofundar a vida de oração, a fortalecer os laços fraternos, a cuidar da formação e a discernir, com coragem evangélica, os caminhos que, propondo-nos insistentemente, o Senhor nos abre para o futuro. Aceitemos, portanto, que o caminho não se detém aqui, que somos chamados a continuar a escrever, com humildade e confiança, esta história rica de memórias e de companheiros de caminho, iniciada há 45 anos!

Cantemos, hoje, um *Te Deum*, irmãos, porque em nós e por nós o Senhor faz maravilhas! E sim, levantemo-nos, pois temos muito que andar!

Confiemos a nossa Província e toda a Família Carmelita em Portugal à maternal proteção de Nossa Senhora do Carmo. Que Ela nos ensine a guardar tudo no interior do coração, onde só Deus mora, a permanecer, sem vacilar, junto de Cristo e a servi-l'O com fidelidade alegre!

Que esta celebração reforce em todos nós o amor à vocação de Carmelitas Descalços e renove o nosso compromisso de ser, no coração da Igreja e no meio do mundo, testemunhas da presença de Deus!

Porto, 19 de Maio de 2026

A longevidade a partir da Bíblia

Armindo Vaz, OCD



Abraham, Sarah, and the Angel
Jan Provost, 1520s, Museu do Louvre, Paris

Hoje, por causa da crise demográfica, da esperança de vida prolongada e das questões ligadas à Segurança Social, fala-se e escreve-se muito sobre a longevidade. Oferecemos aqui ao leitor – ao idoso e ao jovem que será idoso – elementos bíblicos para ele próprio delinear uma espiritualidade que valorize a sua longevidade.

Uma das realidades que o ser humano enfrenta toda a sua vida e que sempre se impôs à consideração dos mortais é o decorrer do tempo, a fugacidade da vida. Sobretudo no fim da vida física atinge-o a falta de tempo, como drama, como tragédia ou como dom, sendo tudo o resto muito secundário. Com o tempo, cansamo-nos ao subir escadas. Mas o tempo nunca se cansa: *Fugit irreparabile tempus – O tempo foge irre recuperável* (Virgílio, *Geórgicas*, III, 284). O problema é tão grande como invencível, tão grande que é invencível. Nem os poetas o conseguem mudar: por muito que lhe cantem, ele não «volta para trás» (nem «o tempo para mim parou», como canta António Mourão). Não volta; e em horas fugidias vai dobando o fio da meada da vida humana, qual Penélope, fiel esposa de Ulisses, na *Odisseia*. Desliza entre mil ocupações, distrações e desatenções, até que a morte fria, de passos mudos, o transforma em eternidade.

Se não se pode vencer, a solução está porventura na velha táctica bélica: juntar-se a ele, pô-lo do nosso lado, procurando ser feliz todo o tempo que a vida durar, instituir «o tempo, esse grande escultor» (Título de um livro de Marguerite

Yourcenar), em amparo do corpo e da alma, especialmente a pensar na melhor idade da vida, que é a última. Também a fé bíblica se sentiu interpelada pela ligação do tempo à vida das pessoas, particularmente à velhice, com a sua carga de debilidade, sofrimento e limitações, mas também de glória e esplendor. Vamos descobrir esta ligação, refletindo sobre ela em vários pontos.

Entre as idades da vida humana, a Bíblia salienta a longevidade serena e próspera do justo que fecha a sua existência terrena «cheio de dias» e com numerosa descendência que quase o immortaliza. Este retrato aparece quase estereotipado: «Os dias de vida de Abraão foram 175 anos. Depois Abraão foi-se extinguindo e morreu numa feliz velhice, ancião e cheio de dias, e foi juntar-se aos seus» (Gn 25,7-8). De Isaac, a quem se atribuem 180 anos, diz-se: «morreu e juntou-se ao seu povo, ancião e cheio de dias» (Gn 35,28-29). Jacob vive até aos 147 anos «e juntou-se aos seus» (Gn 47,28; 49,33); e o seu filho José, até aos 110 anos (Gn 50,26). «Os anos de vida de Levi foram 137... Os anos de vida de Amram foram 137» (Ex 6,16-20). Moisés apagou-se aos 120 anos, sem que tivesse decaído o seu vigor (Dt 31,2; 34,7) e «adormeceu com os seus pais» (Dt 31,16). David «adormeceu com os seus pais» (1Rs 2,10), «muito velho, cheio de dias, de riqueza e de glória» (1Cr 29,28). Tobite teve uma velhice longa «na felicidade, continuando sempre a bendizer Deus», vendo o sucesso do seu filho Tobias e «morrendo em paz aos 112 anos» (14,2-3). A

heroína Judite «avançou em idade na casa do seu marido, até chegar aos 105 anos de idade» (16,23). Job «viveu 140 anos, viu os filhos e os netos por quatro gerações e morreu ancião e cheio de dias» (42,16-17). O sacerdote Matatias «chegou ao fim dos seus dias» em idade avançada, «abençoou os seus filhos e juntou-se aos seus pais» (no ano 166 a.C.: 1Mc 2,69).

A longevidade era de tal importância que serviu para caracterizar o futuro ideal de Jerusalém: «Não haverá lá adulto que não chegue à velhice, pois será ainda novo aquele que morrer aos cem anos» (Is 65,20). O motivo será retomado pelo profeta Zacarias no seu retrato de Jerusalém em festa, com «anciãos e anciãs que se sentarão nas praças de Jerusalém, cada um com a bengala na mão pela sua longevidade» (8,4).

A tradição bíblica prefere falar de *dias* a falar de *anos*, como se quisesse valorizar o instante vivido. A vida aparece assim como o longo trilho dos dias; e os dias aparecem como os passos de um caminho, metáfora de uma vida. A velhice é a aproximação ao fim do caminho, em relação vital com o percurso feito: representa o esplendor do ser

humano. Mas que significam estas longas idades atribuídas às personagens fundadoras do povo bíblico, idades que não são objectivas mas conotativas?

Os humanos são, em grande medida, desejo e procura; e ninguém os pode culpar por quererem satisfazer o seu desejo, do qual brota quase tudo na vida. Desejo de quê? – De dar sentido pleno à vida, de modo que não acabe feita em cacos, em frustração ou desgraça. Ora, atribuir idades super-humanas às importantes pessoas respectivas era uma forma de a Bíblia sugerir que elas se realizaram plenamente e que a sua vida estava completa, dando muito de si e da sua longa vida ao seu povo. Sugeriria que o ancião a quem se atribuía longevidade exorbitante tinha contribuído mais para fazer memória dos acontecimentos da história humana: a longa memória deles não deixava que o pó dos anos cobrisse com o esquecimento os gloriosos dias de uma vida.

Mas este tema complexo, que entretete história, simbolismo e espiritualidade, merece mais ponderação. Tê-la-á...

Ano Jubilar de São João da Cruz

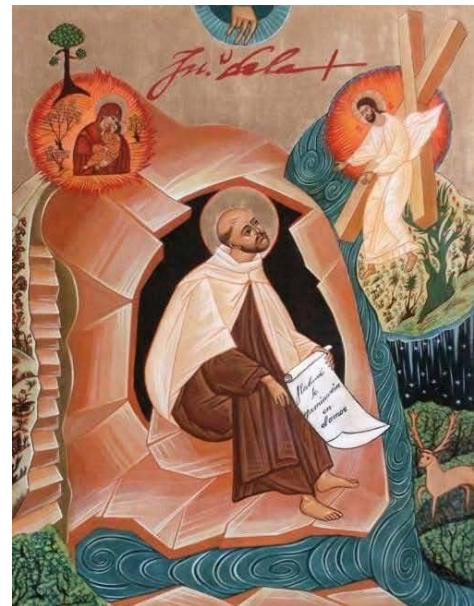
Armindo Vaz, OCD

Deslumbramento perante a poesia de São João da Cruz

Transcrevemos do apreciado crítico de poesia espanhola, Dámaso Alonso:

«[Neste livrinho, *Poesias de São João da Cruz*,] condensa-se uma das maiores torrentes de luz e de calor que o espírito humano terá produzido: as poesias de São João da Cruz. Que contraste entre a brevidade material das páginas e a beleza e imensidão do seu sentido! Tão grande é o contraste que seria insensato pretender esclarecê-lo totalmente do ponto de vista humano... Os poemas de São João da Cruz têm sido para mim fonte de serenidade e de consolação. [Bem me sentiria] se este livro chegasse a alguma dessas poucas pessoas que – perdidas em mil diários afãs – têm “inteligência de amor”...; se lhes fizesse compreender melhor um pouco da beleza dos versos de São João da Cruz; se lhes fizesse esquecer por um momento esta quotidiana fricção da vida, tão dura...

Depois de ter louvado a alta espiritualidade da poesia de Frei Luis de León, Menéndez Pelayo passa a falar da de São João da Cruz. Eis as suas palavras: “Mas ainda há uma poesia mais angélica, celestial e divina, que já não parece deste mundo, nem é possível medi-la com critérios literários. Até é mais ardente de paixão do que qualquer poesia profana; e é tão elegante e delicada na forma e tão plás-



tica e figurativa como os mais valiosos frutos do Renascimento. São as *Canções espirituais* de São João da Cruz... Confesso que, ao tocá-las, me infundem religioso terror. Por lá passou o espírito de Deus, embelezando e santificando tudo... Avaliar tais êxtases... com a admiração com que avaliamos uma ode de Píndaro ou de Horácio parece irreverência e profanação"... É o mesmo assombro que eu sempre tinha sentido. Pensava que diante da poesia de São João da Cruz o melhor era admirar e ficar calado» (D. ALONSO, *La poesía de San Juan de la Cruz* [Ensaistas hispánicos; Aguilar; Madrid 1958] 17-18).

Habitar o caminho – espiritualidade e cultura

Summer school 2026



A Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa está com inscrições abertas para a Summer School “Habitar o caminho – espiritualidade e cultura”, uma iniciativa de formação avançada, de 8 a 29 de junho de 2026, que propõe uma reflexão interdisciplinar sobre espiritualidade, cultura e experiência humana contemporânea. A escola de verão integra a oferta formativa do Instituto Religare e decorre em formato online síncrono, reunindo docentes e investigadores de diferentes áreas das ciências religiosas, teologia, filosofia, história e cultura. O programa pretende promover o diálogo entre tradição espiritual e desafios culturais atuais, abordando temas ligados à experiência do sagrado, práticas culturais e modos contemporâneos de habitar o mundo. [🔗](#)

V Jornadas de Espiritualidade Eucarística

Bragança, 10 de junho de 2026



Realizam-se as V Jornadas de Espiritualidade Eucarística, subordinadas ao tema «Eucaristia, Fonte da Paz», promovidas pelas Servas Franciscanas Reparadoras de Jesus Sacramentado. O encontro propõe um tempo de reflexão e oração centrado na Eucaristia como espaço de encontro, comunhão e reconciliação, inspirado na espiritualidade de São Francisco de Assis e de Alzira Sobrinho. O programa inclui momentos de oração, conferências, adoração eucarística e um painel de partilha, culminando com a celebração da Eucaristia na Catedral. Entre os intervenientes destaca-se D. Rui Valério, com a conferência «A Paz esteja convosco!». As jornadas pretendem proporcionar um ambiente de silêncio, interioridade e renovação espiritual, reforçando a dimensão comunitária da fé e o compromisso com a paz. [🔗](#)

Espiritualidade em Cuidados Paliativos

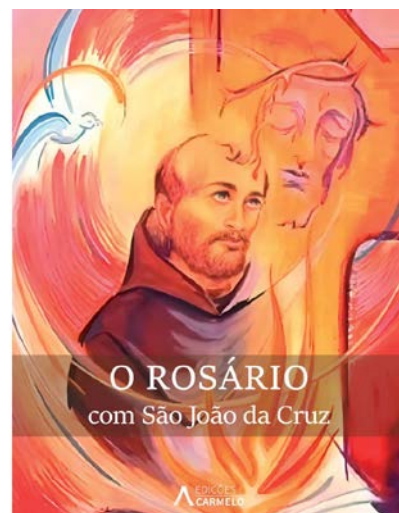
Bragança, 5 e 6 de junho de 2026



Realiza-se em Bragança o I Congresso Internacional de Espiritualidade em Cuidados Paliativos, promovido pelo Instituto Politécnico de Bragança (IPB), reunindo especialistas da área da saúde e investigação. O evento pretende refletir sobre a importância da dimensão espiritual nos cuidados paliativos, promovendo uma abordagem mais humana e integrada no acompanhamento de doentes. [🔗](#)

O ROSÁRIO COM SÃO JOÃO DA CRUZ

Manuel Reis, org.



O novo livro *Rezar o Rosário com São João da Cruz* propõe uma leitura espiritual do rosário a partir da tradição mística carmelita e dos escritos de São João da Cruz. A obra reúne excertos das principais obras do santo carmelita, articulando-os com a oração mariana e a contemplação cristã. Inspirado pela espiritualidade do Carmelo, o livro apresenta Maria como “Mãe, Padroeira e Irmã”, retomando uma expressão de João Paulo II sobre o papel da Virgem Maria no caminho contemplativo. A publicação destaca ainda textos clássicos de São João da Cruz sobre a ação da Trindade na alma, a oração do Pai-Nosso e a passagem da meditação à contemplação silenciosa. O texto percorre temas centrais da mística sanjoanina, como o “toque delicado” do Verbo, o “cautério suave” do Espírito Santo e a purificação interior como caminho de união com Deus.

Publicação: [Edições Carmelo](#) [🔗](#)

cloustro

Elogio da Ternura. Dina Louro apresenta a ternura como expressão essencial do amor cristão, revelando a proximidade de Deus na vida quotidiana. Destaca a importância de atitudes simples, feitas de cuidado, compaixão e delicadeza, como caminho de encontro com Deus e com os outros. A ternura surge como força espiritual que humaniza, reconcilia e gera esperança. [🔗](#)

Pensar o amor em tempo de escassez. Gustavo Borges reflete sobre a crise da experiência do amor num mundo marcado pela indiferença, conflitos e individualismo. Apesar de a palavra “amor” continuar presente no discurso, ela torna-se cada vez menos vivida. O autor propõe o amor como atitude concreta, ética e relacional, capaz de humanizar, sustentar a vida e reconstruir os vínculos sociais e espirituais. [🔗](#)

Deserto colorido. Helena Castro apresenta a leitura bíblica como um caminho de transformação interior e crescimento espiritual. A Palavra de Deus é vista como fonte de renovação, esperança e sentido, convidando a uma relação pessoal e contínua com a Escritura, capaz de iluminar a vida quotidiana e fortalecer a fé. [🔗](#)

Curso ACOMPANHAMENTO

I PARTE . FUNDAMENTOS DO ACOMPANHAMENTO

1º Módulo

A dinâmica do acompanhamento espiritual 13-15 nov.2026

2º Módulo

Acompanhamento e psicologia 15-17 jan.2027

3º Módulo

Acompanhamento espiritual na vida eclesial 19-21 fev.2027

II PARTE . ACOMPANHAMENTO AO LONGO DA VIDA

4º Módulo

Ao longo das idades
16-18 abr.2027

5º Módulo

Acompanhamento
segundo as vocações
e estados de vida
21-23 mai.2027

PARTICIPAÇÃO

Presencial | on-line

INSCRIÇÃO Domus Carmeli

R. Imaculado Coração de Maria, 17

2495-441 FÁTIMA

Tel. 249 530 650 [chamada para a rede fixa nacional]

WhatsApp: 922 298 665 - apenas mensagens escritas
[chamada para a rede móvel nacional]

centromariano@domuscarmeli.net

www.domuscarmeli.net



Domus Carmeli

Ordem dos Carmelitas Descalços, Fátima

A caminho de Emaús
ivankademchuk.com



Conhecer-Me-ás na fidelidade

Irmã Sofia da Cruz, Carmelo de Aveiro



Fotografia: igorovskyannykov, pixabay.com

Há tempos recebi a visita dum amigo com o qual estudei. Começámos a conversar e a uma dada altura fomos ter ao assunto dos tempos de estudantes, a comunidade. Dizia-me ele, muito aborrecido, que um confrade seu lhe tinha estragado as férias, porque o tinha encarregado de fazer um estudo para um ciclo de conferências que estavam a preparar. Disse-lhe que se animasse que Deus queria fazer dele um santo. Ele respondeu-me, imediatamente, que Deus quer fazer de todos nós santos e que temos que ver as coisas à luz da razão. Continuou dizendo: “e se fosse eu não faria uma coisa destas. Isto não se faz e de mais a mais se fosse o ano passado eu não o poderia fazer...” Disse-lhe: Deus já sabia que o ano passado não lho podia pedir, por isso é que o está a pedir este ano. Dizia-me ele: nós somos livres e podemos sempre interferir nos planos de Deus. Perguntei-lhe: mas não acredita que é Deus que conduz a sua história e que é Ele que tem a última palavra sobre a sua vida? Sim, respondeu-me. Temos que deixar que a fé ilumine a razão, mas somos livres. E isto não tem nada de lógico... perguntei-lhe qual era o estudo e disse-lhe que Deus lhe queria dar muito com aquele estudo, (e a verdade é que Deus quer-Se dar a ele através daquele estudo). Ele respondeu-me que era mais fácil dar do que receber. Não tinha a certeza do que tinha escutado e pedi-lhe para repetir. Ele repetiu: É mais fácil dar a Deus do que receber de Deus. Disse-lhe que isso não era verdade, porque quando conhecemos a Deus não podemos fazer outra coisa senão estar diante Dele (quando digo diante dele não significa estar diante do sacrário, mas antes a consciência de que sempre e em todo o momento Deus está connosco e tem a nossa vida nas suas mãos e por isso nos pode pedir o que Ele quiser, através dos irmãos, das circunstâncias etc...) de mãos estendidas, como pobres, para receber tudo o que Ele nos quer dar, para depois de o termos recebido Lho darmos alegremente, através do

serviço aos irmãos, ou da oração, ou do trabalho, como quem não tem nada mas sabe que tudo possui ...Terminei dizendo-lhe que só dizemos que é mais fácil dar a Deus do que receber de Deus quando não conhecemos a Deus.

E esta é a nossa verdade, nós conhecemos a Deus, através duma fé limitada pela razão e pela lógica e depois temos um conhecimento de Deus, lógico e racional. Um conhecimento de Deus desde nós, dos nossos critérios e não desde o Deus que se nos revela no amor, na justiça, no direito, na ternura e na fidelidade. Do Deus que faz connosco uma aliança para se nos dar a conhecer...

“Eu te louvo, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste estas coisas aos sábios e doutores e as revelastes aos pequeninos. Sim, Pai, porque assim, foi do teu agrado. Tudo me foi entregue por meu Pai, e ninguém conhece o Filho senão o Pai, e ninguém conhece o Pai senão o Filho e aqueles a quem o Filho o quiser revelar.” (Mt11, 25)

*“Eis que vou, eu mesmo, seduzir-te,
Conduzir-te ao deserto e
Falar-te ao coração.*

*Aí me responderás como nos dias da tua juventude...
Eu farei contigo uma aliança para sempre,
Farei contigo uma aliança na justiça e no direito,
No amor e na ternura.*

*Eu farei contigo uma aliança na fidelidade
E tu conhecerás o teu Deus.” (Os 2,16-17.21-22)*

Ao chamar-nos Deus não quer senão dar-se de todo a nós, por isso seduz-nos e enamora-nos para que também nós lhe respondamos com a mesma linguagem amorosa com que Ele nos fala. O seu amor em nós gera uma resposta de amor dada pelo Espírito de Amor e comunhão, que nos impele para fora de nós mesmos e dos nossos estreitos

horizontes e nos lança na comunhão amorosa do Pai e o Filho, introduz-nos já no fim último para o qual estamos chamados a “participação na vida intratrinitária”, isto tendo em conta a nossa condição de criaturas num processo de continua recriação. (cf Jer 18, 1-6) Quando vamos dando o nosso todo de cada momento a Deus, Ele vai-Se dando a nós de todo, isto é, na plenitude da nossa capacidade de acolhimento. Esta entrega mutua dá origem a um movimento de continua comunhão, de continua presença, de continua pertença, de continua luz ainda que estejamos na escuridão, de continuo conhecimento, porque Deus é fiel e não pode negar-se a si mesmo e porque é pela fidelidade à aliança que Ele estabeleceu com cada uma das nossas vidas que nós o vamos conhecendo... «Verão a sua face, e o seu nome estará sobre as suas fronteiras. Já não haverá noite: nem precisarão da luz da lâmpada, nem da luz do sol, porque o Senhor Deus brilhará sobre eles, e eles reinarão pelos séculos dos séculos» (Ap 22,5).

O conhecimento de Deus exige de nós uma constante opção existencial por Ele, isto é, exige que o reconheçamos como o Outro diferente de nós e lhe demos o lugar que nós próprios nos atribuímos, enquanto senhores da nossa vida, na prática exige que deixemos que Ele seja o nosso Centro, o nosso Eu e nós passemos para o lado, exige que não sejamos mais do que transparência de Deus. Quando O conhecemos esta exigência converte-se numa necessidade, porque o único sentido da nossa vida passa a estar em fazer a vontade de Deus, tal como o Mestre. «O meu alimento é fazer a vontade de meu Pai e consumir a obra que ele me mandou realizar. (Jo 4,34)» Isto é o único que é capaz de converter as nossas vidas em vida eterna, no sentido joanino: “A vida eterna consiste em que te conheçam a Ti como o único Deus verdadeiro e àquele que Tu enviaste, Jesus Cristo”(Jo 17,3). O conhecimento de Deus, “desde o próprio Deus”, ou seja, de como Ele se nos manifesta é o único capaz de converter a nossa história em história de salvação, dentro do grande marco

da História amorosa de Deus com o Seu povo. Reproduzimos em pequena escala, nas nossas vidas, aquilo que é a vida e a história do povo de Deus, por isso é fácil descobrirmos o rosto amoroso de Deus que se nos dá a conhecer do mesmo modo que se deu a conhecer a Abraão, a Isaac e a Jacob. É fácil reconhecermos que a força trinitária que a Palavra encerra renova em nós aquela aliança em que Deus se compromete a ser o nosso Deus e pede-nos apenas que sejamos Seus, de alma e coração. Daqui passamos o umbral da palavra para o encontro com o Espírito vivificador, que actualiza em nós o mistério da vida divina encerrada na palavra e sacramento da fidelidade de Deus para com as nossas vidas. É na Palavra feita carne que Deus cumpre todas as promessas feitas aos nossos pais na fé e a nós próprios. A nós cabe escutar e assumir as promessas que Deus foi fazendo ao longo da história, fazê-las nossas e deixar que Deus no-las cumpra, no nosso hoje, nas nossas circunstâncias, na nossa cultura, no nosso existir. Deus desposou-nos na fidelidade para que O conhecêssemos...

Sempre que, por algum instante, repasso algum momento da minha história acabo por descobrir uma presença de Deus mais intensa, uma mais abundante fidelidade de Deus ao Seu projecto de me fazer totalmente sua. Para dizer a verdade acho que a minha vida não é senão a história da fidelidade de Deus para comigo, talvez por isso O encontre tão próximo, talvez por isso a fé seja uma luz tão clara como o sol, talvez por isso tenha necessidade de cada vez mais procurar a sua vontade, para me tornar apenas transparência do Seu amor. Não que o seja, mas lanço-me cada vez mais n'Ele para que, perdendo – me de mim mesma, me possa encontrar cada vez mais n'Eles e Eles possam fazer em mim a Sua morada permanente.

«Considero tudo como perda, diante do conhecimento do bem supremo que é Cristo Jesus, meu Senhor. Por ele, eu perdi tudo e tudo tenho como lixo, para ganhar a Cristo e ser achado nele (...) para conhecê-lo» Flp 3,8.

LA MÍSTICA: PARAÍSO PERDIDO O TIERRA DE PROMISIÓN

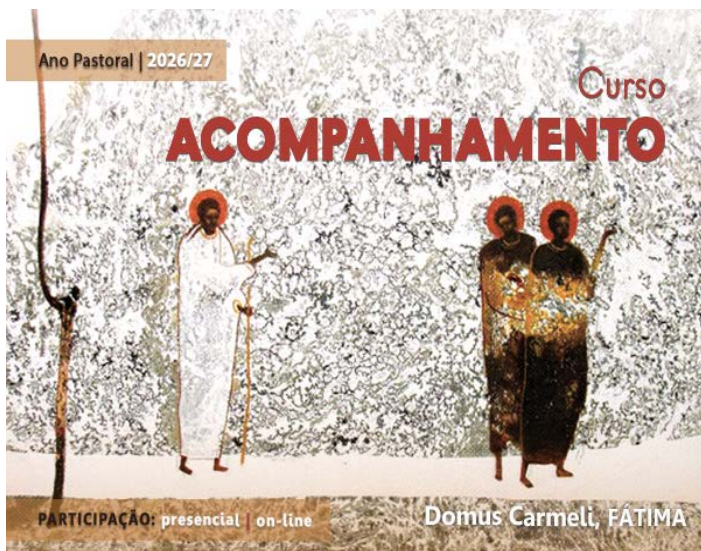
Juan de la Cruz
Santo y Doctor de la Iglesia

Congreso internacional
22 al 26 junio



Curso de Acompanhamento

Início a 13 de novembro de 2026



A Igreja Católica, fiel ao seu compromisso de ser uma “comunidade de acompanhamento”, acolhe em Fátima uma nova proposta formativa de relevo. Os Carmelitas Descalços apresentam o Curso *Acompanhamento* para o ano pastoral 2026-2027, uma iniciativa a realizar-se na casa Domus Carmeli, que visa sensibilizar e capacitar os cristãos para a missão de caminhar com o outro na escuta, no discernimento e na proximidade.

Assente na convicção de que Deus é o primeiro acompanhante da humanidade, que em Jesus Cristo e no Espírito Santo se faz próximo de cada pessoa, o curso propõe-se qualificar o serviço de homens e mulheres disponíveis para acompanhar vidas com humildade, maturidade humana e generosidade.

Com uma abordagem multidisciplinar que integra as dimensões teológico-espiritual, psicológica, pedagógica e pastoral, a formação dirige-se a diretores espirituais, formadores de seminários, pais, catequistas, professores e animadores de grupos eclesiais. O programa organiza-se em cinco módulos presenciais, entre novembro de 2026 e maio de 2027, inspirando-se no ícone bíblico dos discípulos de Emaús como imagem do caminho feito a dois.

A primeira fase, composta pelos três módulos iniciais, aprofunda os fundamentos bíblicos e antropológicos do acompanhamento, a sua relação com o Magistério da Igreja e o diálogo com a psicologia, sublinhando também a importância do discernimento sobre o encaminhamento para técnicos especializados. Será ainda dado destaque ao contributo de grandes mestres da espiritualidade, como Santa Teresa de Jesus, São João da Cruz e Santa Teresinha do Menino Jesus.

Na segunda fase, a formação centra-se em dimensões práticas, acompanhando as etapas da vida humana: da infância ao discernimento vocacional na juventude, até ao acompanhamento no envelhecimento. O curso encerra com uma reflexão sobre os diversos estados de vida, abrangendo casais, leigos celibatários, sacerdotes e consagrados, reforçando a ideia de que ninguém deve caminhar sozinho.

Entre aulas, dinâmicas de grupo e momentos de oração no Carmelo de São José, os participantes serão preparados para serem servidores da esperança, contribuindo para uma Igreja mais fraterna e verdadeiramente sinodal.

Um caminho de experiência

I congresso S. JOÃO DA CRUZ

Fátima
19-21 junho 2026

participação: presencial | on-line

- 1 **Que lugares para a experiência de Deus embora seja noite?**
D. Alexandre Palma, Bispo Auxiliar de Lisboa
- 2 **Aventuras de um místico**
P. Agostinho Leal, OCD
- 3 **O Deus que procura o homem**
P. André Moraes, OCD
- 4 **O homem que procura a Deus**
P. Noé Martins, OCD
- 5 **Livres para um amor maior**
P. João Carlos Vieira, OCD
- 6 **O encontro: caminho e meta**
P. João Rego, OCD

LA CUEVA DE SAN JUAN DE LA † Uma baleia

Frei João Costa, OCD



Fotografia: Gemini (Google AI). Juan de la Cruz e la Ballena Negra..

1. Récios correm os tempos aos dias de Juanico, Joãzinho de Yepes. Para mais precisão mire-se o cemitério da sua infância, cuja sementeira de brancas cruces de madeira por demais ali mais eclode e mais cresce de dia para dia; e às adversidades que tanto assediam a sua pobre casa e à esteira em que no chão dorme, e que por demais o assoberbam, soma-se outra que melhor que alguma, talvez a todas metaforize: há uma baleia negra que, desde menino, o persegue. Não a que só duzentos anos depois na literatura tomará nome, mas aquela outra a que podemos dar o performativo nome de mal. E não era só a pobreza, em muitos lugares entendida como castigo de Deus, nem só as penúrias e a miséria. Era bem mais que isso. Bem mais – o Mal.

Se os primeiros biógrafos juram a pés juntos que cresceu órfão, filho e neto de mãe esquelética e pobre, outros, mais recentes, dirão que Catarina era de linhagem mourisca, e o pai Gonçalo, bem poderia proceder da casta judia, aquela a quem mormente estavam confiadas as afobações tão características dos comerciantes. Em tempos, porém, em que a honra se sustentava na limpeza de sangue, um santo tinha de ser limpo. E não lhe bastaria que a casa de Catarina fosse limpa como a pura prata, já que era o sangue que mais importava ser limpo, cristão.

2. Pela rua de Cantiveros abaixo saltita, descalço, um pardalito ao frio. Vive de migalhas que sua mãe cata entre as linhas do pequeno tear ou à caridade alheia. E ele sabe-o. E ele ajuda-a, pois que jamais lhe repugnou a mãe que o

teceu de amor, muito embora não passasse duma serviçal dedicada aos trabalhos menores, habitualmente confiados pela sociedade de então a mouriscos.

Não te estranhes, leitor, leitora, é bem possível que nas veias de Juanico corra sangue de três fontes – a cristã, a judia e a árabe. E quando falo que pela sua vida fora o assolará um combate sem tréguas, nem sequer me refiro, porque não aceito, que os três rios de sangue que no seu coração confluem, se revolvam e bulhem e se digladiem entre si. Não, o pardalito de Fontiveros é demasiado insignificante, demasiado doce, demasiado sereno, demasiado pacífico, para que a seu peito possa dar-se usança de campo de lide ou batalha, ou sirva de rincão onde se digladies turbulência mortífera, só porque nele confluem três rios, sem que algum se sobreponha a outro, porque algum e outro e todos ergam seu gládio, querendo afirmar império sobre os demais. O menino é meigo, não guerreiro. Não levanta espada, nem punhal, nem cimitarra. Nem fisga, sequer. Espraia tão só o sorriso doce de quem só dócil sempre será à serena brisa suave que, bem para além das expectativas humanas, sempre sopra por onde e para onde lhe apetece.

Bem *muchachillo* ainda, qual pequenino pardalito sem penugem, vítima do desamparo e da inclemência do frio inverno, Joãozinho foi exposto desde cedo a forças contrárias bem assombrosas: fome, orfandade, fome, desprezo da abastada parentela paterna, fome, desprezo por causa da impureza de sangue, fome, pobreza extrema, fome. Os castelhanos resumem esta história numa expressão que,

ainda que para nós seja traduzível, não tem, que eu saiba, paralelo forte em português: Catarina e os dois filhos sobreviventes à fome pertencem à caterva dos «*pobres de solenidade*»; aos mais pobres dos pobres. Foi, aliás, por causa desta infinda nuvem de famélicos gorriõezitos que o visitador episcopal, acercado em seus dias à paróquia de São Cipriano de Fontiveros, mandou que se vendessem as alfaías d'ouro do tesoiro paroquial para que, em modo de caridade cristã, se socorresse de pão e de medicina tantas famílias de pequenitantes que de fome tombavam sobre a gélida neve. E ao dar-se que sucessivos anos de carestia exaurissem a arca de São Cipriano, aos Yepes só lhes coube, ouvindo apelos e conselhos de vizinhos e amigos, saírem dali, da amada Fontiveros. Acabaram em Medina del Campo, industriosa cidade de mercados e feiras, terra de traficantes e negociantes. Já conhecemos a história.

Sim, já conhecemos a história e o vigor das forças adversas contra o delicado peito e os bracitos frágeis de Joãozito. Em Medina, terra das melhores feiras que a coroa de Castela possui, encontrarão, julgavam, abrigo e apoio, ou pelo menos, mais oportunidades de trabalho, maior alcance de esmolas, e melhor possibilidade de que o menino letras amane. E assim será, sempre com a assombração da adversidade por perto. Sempre sobre gelo fino e sob o assombrado olhar da baleia negra.

3. E eis que aqui se deu um acontecimento que muitos biógrafos passam por cima, sem, contudo, querer dizer que seja apócrifo.

Catarina achegou-se com os filhos a Medina quando Juanico andava pelos nove anitos. E o acontecimento deu-se pelos dez, sinal de que já ele se encontrava enquadrado no contexto social e escolar da cidade.

Como deixo dito, uma baleia faz-se transportar nas profundezas destas páginas. E vem perseguindo o Santico. E aqui e ali ela irrompe de supetão, ela o surpreende, ela o assalta nas águas e fora delas, ela no-lo quer roubar para todo o sempre. De tudo fará para que ele não se achegue ao futuro. E eis que aqui, se acaso falta, nos deixa mais um aviso e já não é o primeiro: pelo meio do coração da cidade de Medina passa Zapardiel, o rio das frescas rãs. Não creias que se nos dias de calor gostam elas da frescura das suas águas, não creias tu, pois, que os miúdos gostem menos. Numa despreocupada tarde, Juanico de dez anitos, banha-se e delicia-se nas margens do rio quando um monstro, um peixe de grande envergadura, furtivo se aproxima e o abocanha. O miúdo esbraceja, o miúdo esfalfa-se, o miúdo luta como ingénuo gorriãozinho na boca de gato, e porfiando, desunha-se e logra escapar. Não ganha para o susto, é verdade, pelo que, aturdido, não sabe que pensar, não sabe que dizer, e o melhor que decide é nada dizer a ninguém. Guarda a acometida para si só; contudo, porém, não perde pela demora – não tarda, as investidas sobrevirão novamente sobre ele.

Por aquelas horas, o menino é aluno do que hoje se chamaria uma escola profissional e que, à data, dava pelo

nome Colégio de Doutrinos que, esta, a cristã, ali faz parte do cardápio e se ensina. Dali, com sucesso, migrará para o Colégio da Companhia fundado, mais mês menos mês, aquando da sua chegada à cidade. Volvidos oito anos, ei-lo pois ali, aluno de sucesso. É à data tão perspicaz, tão audaz e tão capaz que todos o disputam. Os jesuítas querem-no para si, por evidência; D. Alonso Álvarez de Toledo, seu protector, quer-o para capelão do Hospital das Bubas, porque precisa de capelão, não de mercenário, de quem cure as almas e não se atemorize, antes empatize com as pústulas do sofrimento alheio; também de outros lugares – ordens religiosas, digo – se lhe achegam outras lustrosas solicitações. Nenhuma aceita ele, porém; senão que um dia, aos vinte e um anos, secretamente, do hospital saiu. Atravessou de norte a sul, as poucas ruas que o separam do convento carmelita de Santa Ana, recentemente fundado, e pediu o hábito de Nossa Senhora. Nenhum dos carmelitas opõe resistência, antes se apressam a rapar-lhe na cabeça a tonsura monacal. Findo um ano, será o sexto noviço a professar naquele convento. Na cúria de Roma reina como prior geral o padre Rubeo de Ravena.

4. Em fins de 1564, o recém-professo na Ordem, frei João de São Matias achegou-se a Salamanca. Às primeiras horas do novo ano, ei-lo frequentando já os dias mais gloriosos daquela universidade. E tanto na universidade como no colégio carmelita leva ele vida exemplar. Na comunidade é sóbrio e discreto; na aula, sagaz e competente. Além disso, por aqueles dias, no penúltimo ano do curso teológico, o padre João Batista Rubeo visita o colégio carmelita de Salamanca. Frei João é ali um dos estudantes teólogos. Permaneceu o prior geral no colégio de Santo André por sete dias, os suficientes para se «*aperceber da santidade de frei João*». Entrevistaram-se, é claro. O que já não é ciência certa, de papel escrito, digo eu, é se o jovem religioso lhe confidenciou que, desiludido com o Carmo, pensa passar-se para a solidão da Ordem da Cartuxa. Liso e lhano ele é, pelo que penso que nada lhe ocultou.

Pensarás, porém, tu, leitor, leitora, que esta situação, este aceso fogo que o consome, este irreformável desejo de maior perfeição é fácil de assumir? De si a si talvez seja; a outrem, mormente se superior geral, não é. Ai não, não é. Antes é outra face da silenciosa baleia que o mortifica.

Um par de meses depois, por feliz confluência de caminhos de santos, que só o Espírito pode abonar, frei João, já novel sacerdote, entrevistar-se-á no locutório do carmelito de São José de Medina del Campo com a Madre Teresa de Jesus. Àquela hora providencial, a monja fundadora guarda no bolso uma patente do padre Rubeo de Ravena licenciando-a a que funde dois conventos «*de frades contemplativos*». Falam-se. Quando obtém o assentimento do jovem carmelita *missacantano*, já ela guarda junto ao coração o sim do padre António Herédia, depois frei António de Jesus, pelo que se apressará a notificar as suas irmãs com palavras jocosas hoje muito conhecidas e citadas. O que já não é tão conhecido é o assentimento de nosso santo

Há uma baleia negra que, desde menino, o persegue.

”

pai: «– Sim, aceito, mas com a condição de que não demore muito!». Dilações não são com ele – que homem!

E Teresa leva-o a peito. Tão a peito que no dia 28 de novembro de 1568, domingo primeiro de Advento, se inaugurou a nossa Descalcez em Duruelo, lugarejo de um barracão só, feito novo presépio de Belém. O jovem frei João não é o primeiro prior, mas a alma e a alegria da comunidade, e o mestre dos jovens que hão-de vir – de imediato conhecemos pelo menos três: frei João Baptista, frei Pedro dos Anjos e frei António de São Paulo.

Em finais de outubro de 1570, porém, por sugestão da Madre Teresa de Jesus, vemo-lo em Pastrana, a segunda fundação da Ordem. Dadas as suas competências de pedagogo e de mestre de espírito, é ali enviado para reorganizar a vida dum maltrapilhado noviciado constituído por dez noviços. Dali partirá depois num imparável corrúpio que, ora o fará trilhar, descalço, por caminhos agrestes, ora, de pico na mão, lado a lado com operários, o veremos deitando paredes abaixo e a preparar conventos onde acomodar as novas vocações. E por entre uma e outras, em Pastrana e Alcalá de Henares, revelar-se-á educador paciente, capaz, e moderado nas penitências e nos exercícios propostos às primeiras vocações dos descalços.

Todavia, como a história tem das suas ironias, nos inícios de outubro de 1571 a Madre é nomeada priora da Encarnação – esse mosteiro assaz grande como um quartel militar, ligeiramente estabelecido a norte de Ávila. A ingente tarefa que terá por diante levará a Santa a exclaimar: «*Esta terra tem sido para mim tão grande provação que não parece tenha eu nascido aqui*!» E não achando em lugar algum melhor ajuda, manda chamar frei João da Cruz para director espiritual das mais de cento e trinta monjas – as cinquenta que faltam à conta habitual, são senhoras piedosas e leigas que serviam de criadas a algumas das monjas de ascendência nobre, e que a priora eleita, ainda antes de entrar e tomar posse, mandou sair do mosteiro, já que nem por um mísero par de horas as quer ver em sua casa.

Seja qual seja o dia em que frei João se achegue ao seu múnus no mosteiro da Encarnação, uma coisa é certa: nem um ano depois, já se sentem os efeitos benéficos da sua presença e condução, pois que a sua palavra e sabedoria espirituais são um verdadeiro dom e graça, um bálsamo, um verdadeiro êxito espiritual. Mas o Santico que não se creia seguro, pois não perde pela demora, porque a escura baleia não dorme e continua rondando por ali. E por aqui.

E eis que nos inícios de 1576, quatro anos depois de se ter assumido como confessor do famoso mosteiro, o Prior do Carmo de Ávila, padre Valdemoro, invadiu, sem aviso e à luz do dia, a casuchinha em que na Encarnação viviam o padre João da Cruz e o seu companheiro frei Francisco dos Apóstolos, ambos descalços. E entre pontapés e insultos, prende-os e manda-os para a prisão do Carmo de Medina del Campo. Só que daqui e dali se alevantam pessoas e protestos, escrevem-se cartas e movem-se influências, e os dois fradicos descalços são libertados em um mês, visto que numa carta de fevereiro daquele mesmo ano, ao Geral da Ordem, a Madre lhe dá notícias de que «*já regressaram os descalços*».

É a baleia, sempre a negra baleia. Ainda que em perda, desta vez.

Será, porém, descanso de pouca monta, visto que acobertados pela escuridão da noite, a dois de dezembro de 1577, um grupo de Padres Calçados, alguns leigos e gente armada, de um pontapé só deitam abaixo a porta da casucha, de repelão invadem a cela do jovem fradico descalço, e o levam algemado para a casa da antiga Observância, onde o retêm durante alguns dias – não sabemos quantos – e onde o açoitam pelo menos por duas vezes. Também lhe prometeram tudo e de todos os seus *errores* caminhos o procuram demover; mas o descalço não se comove nem desiste.

Decidem depois levá-lo de Ávila para Toledo, sob uma chuva cruel de más palavras e maus tratos, a ponto do arrieiro que os conduz se unir a um estalajadeiro de circunstância, para o libertarem com toda a prontidão e segurança, mas o doce frei João, manso e grato, não aceita tão caritativa oferta que tão bondosamente lhe acabam de comunicar.

5. Oh, como são os santos, mesmo diante da negra e feroz fúria da baleia!

Vamo-nos a ela. Que ela mais e mais se aproxima.

Dizer-te ainda, contudo, leitor, leitora, que nesta hora escura em que a baleia o assalta dentro de sua casa, para frei João nada no assédio é surpresa, aliás, é como se já o esperasse, pelo que quando o algemam, não resiste; e quando lhe mandam que se encaminhe para o cativoiro, apenas retorque: – «*Está bem. Vamos!*».

E que calvário não terá ele por diante...

Como te disse e agora redigo, eis que em breves dias, a meados de dezembro, sequestrado o levaram de Ávila para Toledo, por caminhos solitários e nevosos. À socapa e de olhos vendados o levam, à socapa o embrenham em Toledo, sem que alguém, nem mesmo o rei, sobre cujo *território jamais o sol se põe*, saiba onde o retêm. Aliás, à chegada, os esbirros dão voltas e mais voltas pelas ruelas estreitas e labirínticas da cidade imperial – se ousar fugir, não saberá por onde!

Quando o apresentam ao visitador geral, frei Jerónimo Tostado, dentro do hábito o fradico mais parece vara de varejar. De si já é amiudado; mas depois dos açoites que recebeu, e dos castigos, e privações, e da longa e álgida e dolorosa viagem, parece verdadeiramente perdido dentro do saial frailuno.

À sua chegada, logo corre a notícia por todo o convento e, ainda que feito um rele trapo, todos acorrem para o ver e insultar! Na aula capitular, pronto se constitui um tribunal formado pelo visitador geral Tostado, o prior Maldonado e os frades mais circunspectos da comunidade. Leem-lhe as acusações decorrentes das determinações do capítulo de Plazenza celebrado ao ano de 1575, mas ele fica calado. Notificam-no de rebeldia, mas ele calado fica. Acusam-no de ter abandonado o convento e de viver livremente na casuchinha da Encarnação, mas como não é verdade, ele permanece calado. Ameaçam-no de tudo, e o seu silêncio responde que não recua. E não recuará.

Logo, logo a baleia muda de estratégia e, de causticá-lo passa a aliciá-lo. Oferecem-lhe um priorato de boa e cómoda cela, e ele recusa. Oferecem-lhe admirável biblioteca, e ele recusa. Oferecem-lhe uma valiosíssima cruz de ouro, e ele não vai em subornos. Tudo, tudo se lhes

mostra inútil porque, o fradico apenas diz e retorna: – «quem procura seguir a Cristo despojado de tudo, não precisa de jóias». E tudo, tudo, pois, se lhes revelou inútil; e visto que o fradico de Deus a nada cede, determinam sepultá-lo numa cela tão grande como uma tumba.

Ei-lo definitivamente apanhado e tragado pela escura baleia.

(Parece-me oportuno dizer-te aqui, leitor, leitora, que foi assim mesmo que São João da Cruz leu a sua permanência naquela terrível e escura prisão. E convém ainda que te diga que ele inteiramente assume a metáfora da baleia retirada do livro do profeta Jonas, filho de Amitai, que profetizou pelo século oitavo antes de Cristo, no reinado de Jeroboão II. Aliás, o aconselhável seria que, antes de leres a do fradico, lesses aquela narrativa – encontrá-la-ás posicionada na Bíblia entre a profecia de Abdias e a de Miqueias. Verificarás então que narrativa de Jonas e a do pacífico fradico se distinguem numa coisa: Jonas permaneceu três dias no ventre da baleia; o fradinho santo, nove meses – e nove meses dão para fazer nascer uma nova criatura, não dão?)

A tumba ou cela – aliás uma velha latrina transformada em cárcere! – tem seis pés de largo por dez de comprimento. (Por favor, leitor, suspende a leitura destas linhas, levanta-te, e mede no chão o que sejam seis pés por dez! E diz-me: é esconso, não é? É sufocante, não é? É pouco mais que as dimensões de um ataúde, certo? É, é... – Está sepultado em vida!) E é desprovida de janela – tem apenas um bocal no tecto, do tamanho duma malga, donde se desprende um fiozinho de luz que, segundo a posição do sol, raro é que aponta ao chão. No solo jaz uma tábua e duas mantas para cama do prisioneiro. Em pleno inverno, despido de capucha e de escapulário, em modo castigo, e só com o breviário, ali entra frei João da Cruz, o rebelde descalço. Por efeitos das duras geadas toledanas os pés inchar-lhe-ão e os dedos abrir-se-ão em grandes ferias. Já no tórrido verão toledano, suará e abafará todo ele de calor.

E o fradico santo ali vai restando e jazendo abandonado no ventre escuro da baleia!

6. A qualquer hora do dia fazem-lhe afrontas muitas: do lado de fora do ataúde param-lhe os frades à porta e, despropositadamente, riem, mofam, desconversam e falam impropriedades e atiram-lhe chantagens emocionais duras como pedras: que o descalço está só e abandonado pelos seus; que a Madre o esquecera; que nem a graça de Deus nem o rei algo podem; que os seus conventos serão reduzidos a nada; e que, ou o atirarão a um poço, sem que alguém o lamente, ou que só dali sairá morto para banhos de terra fria...

Sim, a diário o submetem a estas e a tantas outras humilhações.

Miserável é a comida que lhe dão: um mendrugo de pão, água e uma sardinha; às vezes, só meia. Às segundas, quartas e sextas, à ceia, só pão e água, acororado ele no chão do refeitório, como um cachorro; os outros, em seus bancos e à mesa; algumas vezes, porém, consolam-no com as peles que sobram de seus pratos e com as espinhas que lhe cospem...

À ceia de sexta-feira, enquanto jaz prostrado de braços em cruz é áspera e publicamente repreendido por rebeldia. E o manso fradinho ouve. Em silêncio ouve as injúrias e as imprecações que o cruel prior Maldonado lança contra si e os seus. E no fim da repreensão, canta-se um *Miserere*. Então, ele desnuda as costas e, um a um, começando pelo prior, os frades chicoteiam-no – isto quatro ou cinco vezes ao mês, vezes nove meses. É fazer as contas... As chicotadas são tão vigorosas que as costas do pobre jorram sangue abundante, a ponto de muitos anos mais tarde ainda ele manter feridas por cicatrizar!

A esta negra tortura acresce que a branca túnica interior com que entrara no cárcere não lhe deixam jamais lavar nem tirar, pelo que em consequência de tantos meses de sangrento martírio – obviamente esta não apenas se conspurcou, como também se vai esfarrapando!

Por esta altura, leitor, leitora, eu já não sei se o que o engoliu foi uma baleia, ou se uma cobra contristosa. Nem eu, nem o santo, o sabemos, aliás. E depois de tanta vergastada, de tanta humilhação, de tanta má cara, de tanta injúria, de tanto dia sem luz, sem uma palavra amiga, sem o conforto da oração em comum, sem eucaristia, sem se confessar, depois de tanta recriminação, julgarás tu, leitor, que não chegou a duvidar que estivesse enganado! Ai duvidou, duvidou, que ainda que fora um anjo de graciosa luz duvidaria!

7. Mais conta menos conta, mais dia menos dia, nove meses são vinte e cinco semanas. Se por tantas semanas o apertaram, o torturaram e o moeram – foram os próprios irmãos torturadores que o confessaram e o reconheceram –, só não sei como o Santico não sucumbiu, não o derruíram e o esmoeram a pó, ou como os torturadores não se cansaram de o torturar.

Mas hei-de procurar saber tal segredo.

Por ora, o que sei é que, filados e porfiados, os tenazes carcereiros o torturaram durante cento e oitenta dias, sem alcançar vergá-lo ou enlouquecê-lo; e quanto menos o vergam mais o vergastam, o humilham, o injuriam, mais o isolam abandonado numa cela quase sem luz, sem água e sem ar, em total solidão, sem o conforto da oração em comum, sem eucaristia, sem companhia, sem se confessar. Sim, de tudo fizeram para emocionalmente o quebrar, o rebaixar e o coagir, como se não houvera amanhã.

”

O Santico que não se creia seguro, pois não perde pela demora, porque a escura baleia não dorme e continua rondando por ali. E por aqui.

8. No dia 14 de agosto de 1577, à tarde – o dia quatorze de agosto é a véspera da festa da Senhora de Agosto ou dos Mil Nomes! –, a porta da tumba abriu-se inesperadamente. Frei João, de costas para a porta, nada vê, de nada se apercebe, de nada suspeita. De joelhos está, de joelhos e de rosto por terra, rezando segue. Em paz.

– «*Por que não vos alevantais vindo eu visitar-vos?*», troa-lhe o prior Maldonado.

– «*Pensava que era o carcereiro*», desculpa-se o humilde prisioneiro, em esforço, enquanto, por causa da fraqueza extrema, se levanta com dificuldade.

– «*Em que estáveis a pensar agora?*», replica-lhe o prelado.

– «*Em que amanhã é o dia de Nossa Senhora e eu gostava muito de celebrar Missa!*», responde frei João.

– «*Isso nunca, em meus dias!*», brusco lhe devolve o prior Maldonado que se vira, sai e fecha a pesada porta atrás de si.

9. A frei João da Cruz, cativo no ventre escuro da baleia, não se lhe ouve, como nunca se ouviu, ou ouvirá, um lamento. Um choro, uma raiva, um desabafo, sequer. Jamais se queixou ou se queixará uma vez que fosse. Pelo contrário, se houve de falar daquele assunto dirá: – «*Faziam aquilo por pensarem estar na verdade!*». E calava-se. E calado ficava.

Mas naquele dia, não. Sim, naquele dia não se queixou nem se revoltou. Mas decidiu ali mesmo que teria de fugir, nem que morresse na aventura. Por isso, de joelhos e cabeça no chão, reza e volta a rezar, e sente um impulso interior que não passa nem se dilui nem se esfuma, e convence-se que Nossa Senhora o ajudará.

Dispenso-te os pormenores da preparação da fuga, leitor, leitora; não todos, visto já te ter dito que o prisioneiro levou o assunto à oração e ao altar de Deus que é a consciência. Fugiria e fugiria. Fugirá numa noite de lua clara. Só precisado está duma noite de lua bem clara. Afinal, os descalços precisam dele e ele precisa da doce fraternidade dos descalços que, aliás, enquanto comunidade, por esses dias passam, como ele, muito mal, à mão dos Calçados e seus poderosos protectores.

Estamos na oitava da Assunção. Os dias são sufocantes, de canícula; as noites quentes e abafadas. Há tanto tempo silenciosamente sofrendo na barriga da baleia, tanto sofre que aprendeu a valorizar todos os acasos, a aproveitar todas as oportunidades – a volver-se sedutor, até. Dentro ainda da oitava, numa dessas raras oportunidades, o carcereiro deixa-lhe, por momentos, a porta aberta e ele logo arranhou modo de desapertar parafusos e desen-taramelar as armelas do cadeado. A um canto escuro da tumba jazem já as mantas feitas em tiras e presas uma a uma; numa ponta acrescenta-lhe a velha túnica branca, suja, manchada e meio apodrecida, e na outra ponta,

preso tem o gancho da candeia. Fugirá nessa noite, *sem ser notado*. Um pouco ao lado do cárcere há uma sala e da sala passa-se para um corredor com uma janela em arco, virada para o rio Tejo – um verdadeiro miradouro sobre uns terríveis penhascos. Já ciente de todos os passos a dar e com o plano da fuga na cabeça, pelas duas da manhã, estando *toda a casa sossegada*, frei João empurra a porta da *carcelilla* e ela desaba como se fora as muralhas de Jericó. Dá-se naturalmente um estrondo, e os biógrafos querem fazer-nos crer que ninguém se apercebeu, que ninguém ouviu, ninguém acordou; mas outros, alguns de hoje, mais avisados, afirmam que tudo está combinado, ao menos com o carcereiro que mudado havia sido há três meses. De facto, quero crer, sim, quero crer que àquela hora alguém numa cela algo distante sorri por debaixo dos lençóis.

Alcançada a janela, frei João engancha o gancho, atira janela fora a corda de tiras, atira o hábito enfaixado na correia, sobe ao parapeito, faz o sinal da cruz e, «*agarrando-se com as mãos e os joelhos*», desliza lenta e suavemente. Ao alcançar o extremo das tiras e da velha túnica rota ainda está a metro e meio do chão coberto de pontiagudas pedras; deixa por isso descair um pouco mais o corpo e, ainda em suspenso, abandona-se e cai a dois palmos dum abismo. Ei-lo no chão, ei-lo solto, mas não livre. E daí a nada tão cheio de angústias que chegou a considerar ter de berrar pelos carcereiros para que o viessem buscar, quer lhe dessem a morte, quer não. A verdade é que depois de vestir o hábito, ainda lhe faltam saltar quatro altos muros e, buscando por onde busque, à luz da lua, não há modo de trepar e saltar o primeiro, quanto mais quatro! Depois de desconsiderar voltar a cair nas mãos dos Calçados, depois de voltas e mais voltas, de muita angústia e de muitos suores frios também, sem saber como, conseguiu trepar um e outro e todos os demais muros e achar-se livre. Está na rua, está livre, mas não seguro, pelo que se os Calçados o apanham, desfazem-no em migalhas.

Esconde-se.

Pelas oito da manhã achegou-se ao mosteiro das filhas de Santa Teresa, onde é priora a madre Ana dos Anjos. E um novo milagre se dá e se deu, mas este ficará para outras calendas.

10. Aqui te deixo, leitor, leitora.

Aqui te deixo com um farrapinho descalço rodeado de encantadas freirinhas. Vendo elas como o veem, logo se apressam a cozinhar-lhe umas peras com canela – com canela, repararás!; o que à data, não é nada pouco e até é muitíssimo! –, e servem-lhas ainda quentinhas. E enquanto isso, ele conta-lhes aquela longuíssima noite de angústias, a imensa negra noite que sofreu no escuro ventre da baleia, e conta-lhes... Ah, espera, já te direi o que mais contou para delícia das santas monjinhas.

”

A frei João da Cruz, cativo no ventre escuro da baleia, não se lhe ouve, como nunca se ouviu, ou ouvirá, um lamento. Um choro, uma raiva, um desabafo, sequer.

Volvo atrás. Preciso de interrogar-te, leitor, e é sobre o seguinte:

Acreditas no que te disse: que torturaram a nosso pai São João da Cruz durante nove meses? Acreditas que os torturadores era seus irmãos? Acreditas mesmo que foi durante nove meses? (Bem, os três últimos foram um pouco mais levadeiros, mas não menos cruéis nem menos ignóbeis!) Acreditas no que te disse? Julgas mesmo ter sido isso possível? (Olha que os carcereiros eram zelosos, fiéis à lei vigente; e como o Santo dizia: «*Faziam aquilo por pensarem estar na verdade!*»). Olha, acreditas agora melhor que essa tortura assim se deu, com a tenacidade de uma incansável mó de moinho bem calibrado, com a taramela sempre trémula, incansavelmente trémula, batendo incansável na mó? Se sim, certas; e então, tenho para ti mais perguntas:

Explica-me se sabes, explica-me se porventura entendes; se passados anos as costas de frei João ainda não haviam cicatrizado, responde-me, por favor: como é que o não mataram? Como não o vergaram? Como não cedeu ele? Como não o enlouqueceram?

A pergunta que te quero propor é mesmo esta: Como é que não enlouqueceram aquele pobre de Deus? (Este é o meu espanto: como não o enlouqueceram tantas torturas horríveis, tantos espancamentos, torturas psicológicas, torturas morais, a privação de comunicação, a privação de eucaristia, a privação de todo o conforto, a privação da confissão, a privação?... Como não o endoidaram?)

Conforta-me e responde-me, leitor: como não enlouqueceram a nosso pai nu e descalço?

É que se o houvessem endoidado, tinham-no vencido de igual modo, tinham-no tirado para fora da barriga da baleia, tinham-lhe posto uma trela para exhibi-lo às claras. E nós todos talvez tivéssemos soçobrado também com ele, não sei.

Sim, sim, mas como é que o não endoidaram? Porque, é claro, porque Deus existe – e à questão da existência de Deus acrescento-lhe mais esta prova!

Não o ensandeceram, não. E eu que de poucas letras sou, vou explicar-te porque o não conseguiram ensandecer: simplesmente porque frei João tinha a Bíblia do coração. Porque, enfim, inteiro vivia ele na Bíblia!

Eu não encontro isto em lado algum, mas na paixão do Senhor, ele revia a sua. No tribunal de Jesus e na sentença de Jesus, São João da Cruz nelas se via, se lia e se relia. Na flagelação de Jesus, ele se sentia. Nas costas retalhadas de Jesus, servo inútil, rasgadas via ele as suas. No risos e mofas, ele fechava os ouvidos como Jesus. Nas injúrias, ele se apoiava na debilidade de Jesus. Unia-se a Jesus, abandonava-se ao Pai, como Jesus. Só como Jesus. Sempre como Jesus.

Isto para mim é inteiramente verdade. Não; o mal e a baleia não o surpreenderam, jamais o enredaram e o

encarceraram só a ele, pois já antes tinham feito o mesmo a Jesus, o cordeiro sem mancha. O Puro. E no Puro encontrou frei João da Cruz o modelo da sua paciência, da sua paz e da sua esperança, e ficou-se nelas. Fincou-se nelas e venceu a negra baleia.

Mas não foi tudo. Há mais.

Existem testemunhas – naturalmente posteriores à prisão no ventre da baleia; mas ainda assim, porque não hão-de algumas ser também anteriores? –, existem testemunhas que afirmam que São João da Cruz sabia a Bíblia de cor – eis o segredo!

Ao prendê-lo, ao recluí-lo na masmorra da baleia, privaram-no de tudo; sim, até do escapulário, sinal de aliança com a Virgem Maria. Mas não puderam jamais nem raspar-lhe nem arrancar-lhe a Palavra que levava gravada no coração. Não puderam, jamais puderam apagar-lhe a Palavra de Deus do coração, porque todo ele era uma Bíblia aberta, uma Bíblia peregrina, caminheira, andante, era Palavra-fonte, Palavra-leite que alimenta, Palavra-pão que sacia, palavra-mel que adoça o fel da falsa fraternidade, palavra-chave que abre os grilhões, Palavra-esperança que faz voar. Era aliança que Deus não quebra, Amor que não desmaia. Palavra-sabor que lhe temperava de terna luz as escuras horas do dia.

Ao prendê-lo, prenderam-no, sim, no ventre da baleia; e privando-o de tudo, fizeram-lhe um favor: não puderam impedir – ou até o favoreceram? – que ele fosse ao mais profundo centro de si mesmo, onde secreta e caladamente Deus mora, e ali morasse ele na Palavra e a Palavra nele, e assim, desse modo, a Palavra o ajustasse e o fortificasse como um baluarte seguro! Ali preso, ele era um com Deus. Era um hífen entre Palavra e corpo! Um hífen unindo palavra santa e corpo de um santo!

E morando inteiro – corpo, alma e espírito – num e noutro e noutro versículo da Bíblia, assim foi que o não enlouqueceram. Aliás, também ignoravam, isso é certo, que não existe gaiola que prenda quem anseie ser pássaro solitário!

Quiseram-no débil e postergável, é verdade, e fizeram-no forte – ó sofrimento heroico de quem, já morando na Palavra de vida eterna, ainda mora em terra estrangeira!

Mas algo mais existe e aqui quero deixar-to dito, leitor, leitora: daquela aliança entre Palavra e corpo de pássaro solitário acontecida na noite escura do ventre escuro da baleia – oh insondáveis desígnios de Deus! –, brotou da torrente impetuosa da Palavra uma fresca fonte de palavras: e o santo escreveu poemas! Dos mais belos que existem. São poemas de amor encantado, poemas de amor fiel e santo, poemas de amor puro, poemas de aliança, poemas-palavra de corpo e alma que se sentem amados. Poemas-poemas. E se outros não existissem, estes bastariam para salvar a humanidade! Oh, que poemas ele não escreveu!

”

É que se o houvessem endoidado, tinham-no vencido de igual modo, tinham-no tirado para fora da barriga da baleia, tinham-lhe posto uma trela para exhibi-lo às claras.

Poemas assim não são hoje fáceis de ler; digo, não são interpretáveis num só, inteiro e definitivo sentido. Por isso, ponho aqui os seus títulos e tu busca-os por aí. E lê-os até que neles mores. Outros, dois ou três mais, escreverá ele depois da libertação do Egipto; mas o que bem sei é que quando se fugou, atirou pela janela o hábito (e depois, no chão, o vestiu!), mas aos poemas não. Deles jamais se desprende, porque não o enredavam, nem podiam obliterar-se nem raspar-se da Fonte que manava e lhe ardia no coração! E por isso os levou amarrados a si, porque a Palavra estava feita corpo no seu corpo!

Deixo-te aqui os títulos dos poemas que lhe borbulham na escura prisão de Toledo. Ele os escreveu quando pôde, e hoje são luz clara para os passos da nossa fé: *Cântico Espiritual* (tem este poema por matriz o livro do *Cântico dos Cânticos*; mas se alguém tiver outra interpretação e te disser que não, vai por ele, leitor! O *Cântico dos Cânticos* é um livro bíblico, do Antigo Testamento; é uma coleção de poemas sobre o amor puro e fiel de um amado por uma amada. Porém, melhor o interpretamos agora, entre o amor de Deus e a humanidade ou, mais pessoal e circunscritamente, entre Deus e a alma – naquele caso, entre Deus e o prisioneiro frei João da Cruz que, apesar de cativo na baleia, se sabia fielmente amado por Deus! Vês agora, claramente, leitor, leitora, por qual razão o não venceram, o não puderam anular? O não puderam elidir? Nem ensandecer?

O passarito solitário era amado.

E além do *Cântico Espiritual* (escrito à data até à estrofe *Ó ninfas da Judeia*), escreveu e memorizou ainda nove *Romances sobre o Evangelho* «*In principio erat Verbum*», mais um *Romance sobre o salmo Super flumina*; o poema *Bem eu sei eu a fonte* e o poema *Noite Escura*.

Oh, que clara poesia nasceu no seu seio amoroso vivendo ainda naquele ventre escuro! Tão clara que o salvou!

11. Quem faz a manhã longa, encurta a tarde. Mas uma coisa te garanto, amigo, amiga, naquele mosteiro de São José de Toledo ninguém naquela manhã falou, senão um santo, já quase não homem, já quase todo ele cadáver, todo ele inteiramente fogo, todo ele carne, ossos e nervos feitos poesia, sim, todo ele feito inteira memória ali disse e redisse, estrofe a estrofe, verso a verso, os poemas que trazia na memória do coração (e num pequeno almalço). Naquela manhã quente, ninguém ali falou nem almoçou, não, que do coração de frei João, sempre livre, sempre fiel, irrompeu um veio de água fresca que nenhuma monjita quis desprezar ou deixar de beber.

Almoçaram todos a desoras, e até há um poema recente que nos recorda que enquanto as monjinhas ardiam de alegria diante daquela poesia santa, as peras do Santo se esfriavam no prato. Sim, não duvido que as saboreou frias. E também sei que três anos depois da miraculosa fuga, quando ainda nas costas tinha feridas abertas, escreveu desde Baeza uma carta a Catarina de Jesus, carmelita descalça, dizendo-lhe «*Depois que aquela baleia me trouxe e me vomitou neste desconhecido porto...*». É o que eu suspeitava, leitor, leitora, vomitado foi o Santo do ventre da baleia, mas esta ficou-lhe morando dentro por muitos anos, precisamente onde ele secretamente vive trabalhando a Palavra.

E a baleia negra resguarda-se algures, entre as letras de um poema por fazer, até certo dia.



XIV Congresso de Espiritualidade
Fátima • 16 a 18 outubro 2026

O mal, o sofrimento e a esperança

Domus Carmeli

PARTICIPAÇÃO: presencial | on-line

Organização **Institutos de inspiração carmelita e teresiana**